

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“CONHECER PARA DESCOBRIR”: OS ENSINOS DE HISTÓRIA NOS CADERNOS DE PLANEJAMENTO DE UMA PROFESSORA EM NATAL (1990 A 1995)

Maria Luiza Dantas Lins
Mestranda pelo PPGH/UFRN- Natal
maria.lins.017@ufrn.edu.com.br

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a pesquisa que está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com área de concentração em História e espaços. Fazer pesquisa durante um período de pandemia, assim como o que vivemos, modifica todo o processo da construção deste texto.

Assim, a escrita deste texto se inicia no contato com o NDM - Núcleo de Documentação e Memória da Educação do RN/IFESP- Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy, realizado durante o segundo semestre de 2019 a partir da participação como ouvinte no III COHISME - Colóquio História e Memória da Educação no Rio Grande do Norte. Em um dos trabalhos do evento, foi apresentada a existência de um acervo escolar que estava sendo organizado pelo Núcleo de Documentação. Após o colóquio e depois de uma visita ao NDM — que, naquele momento, ainda não havia sido inaugurado — optou-se por desenvolver uma pesquisa sobre a História do Ensino de História no Rio Grande do Norte. Aquele ambiente, então, guardava vestígios que poderiam contribuir para esse estudo. Em algum momento da primeira visita, a existência da doação do material de uma professora (mais especificamente, cadernos) foi mencionada, mas não revelaram onde eles estavam. O material do Núcleo estava disposto em três armários e, primeiramente, o conteúdo de dois deles foi apresentado. No entanto, apesar de serem interessantes, a atenção estava presa em saber o que havia no terceiro armário, pois era onde os cadernos da professora poderiam estar e, como suposto, lá estavam. Assim, a partir dessa aproximação, passou-se a pesquisar e investigar, nos cadernos de planejamento, o que esses objetos da cultura escolar podem revelar sobre os ensinamentos de História do período.

Todos, de alguma maneira, lembram dos tempos de escola: das atividades realizadas, dos professores que acompanharam essa formação, dos espaços vivenciados e preferidos, e lembram, também, das experiências vivenciadas naquele período. Para professores e pesquisadores da História do Ensino, encontrar vestígios

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

produzidos pela escola é abrir caminhos para entender, para além da legislação e de documentos oficiais, como se ensinava. A produção e a memória dos sujeitos inseridos revelam mais, fazendo com que seja possível criar uma narrativa histórica a partir de quem praticava o cotidiano escolar. Assim, ao escrever essas narrativas, há a possibilidade de redescobrir o que já possuímos em algum momento e, em níveis diferentes, registrar o como se ensina e o que, de alguma forma, nos escapa à apreciação (SCHAMA, 1996, p.24). Quando pensamos o passado como uma paisagem, a história é o modo pelo qual a representamos, e é esse ato de representação que nos diferencia do familiar, abrindo o campo para uma visão mais ampla (GADDIS, p.19, 2003). Portanto, considera-se aqui, que os cadernos de planejamento da professora Ana Afra Vale de Almeida, encontrados no NDM/IFESP, são registros cotidianos que podem revelar sobre os ensinamentos na capital do Rio Grande do Norte, produzidos pelos alunos e pelas suas práticas em sala de aula.

Com base nisso, pode-se questionar: E se a história for pensada como uma espécie de mapeamento? Se, como sugerido anteriormente, o passado é uma paisagem e a história é a maneira pela qual a representamos (GADDIS, p.49, 2003)? E se essa paisagem for reconstituída? O encontro com os cadernos escolares de planejamento de uma professora delimita a construção desta pesquisa ao ratificar a necessidade de escrever uma narrativa que revela a diversidade de ensinamentos encontrada na cidade de Natal.

Além das informações sobre ensinamentos que estão presentes nos cadernos de planejamento de professores, os objetos da cultura escolar abrem caminhos para entender mais sobre as Histórias dos Ensinamentos desenvolvidos. Esta pesquisa encontra, nas páginas dos cadernos de planejamento, pistas sobre os ensinamentos, devido ao cuidado da Professora Ana Afra Vale de Almeida em registrar datas, locais e endereços durante sua carreira, possibilitando saber a qual ano pertence, a qual lugar servia e para quais níveis de ensino era destinado cada planejamento. A exemplo disso, no caderno de 1992, é registrada uma lição que utiliza o cotidiano dos alunos nas aulas de alfabetização de adultos. Nela, a professora mobiliza saberes e informações sobre a vida de seus alunos para inserir novas palavras nas atividades. Essas páginas também demonstram sua forma de organizar as aulas:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

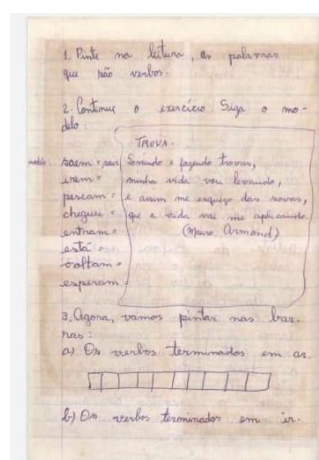
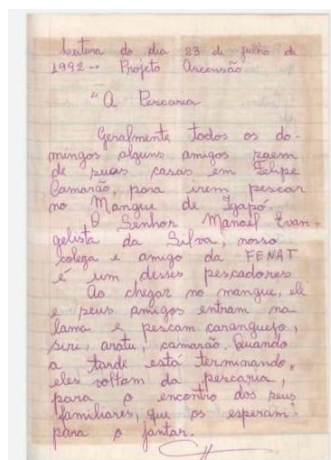


Figura 1 – Caderno de planejamento- Ana Afra (p. 131, 1992) Figura 2 - Página do caderno - Ana Afra (p. 132, 1992)

Fonte: NMD - Núcleo de Documentação e Memória da Educação do RN/IFESP. **Coleção Cadernos de Planejamento – Ana Afra.** Natal, 1990 – 1995.

A partir dessas informações, mobilizamos esforços para responder a seguinte problemática que surge com as fontes: Seria possível compreender a diversidade dos ensinamentos de História na cidade do Natal-RN, entre os anos de 1990 a 1995, através dos cadernos de planejamento da professora Ana Afra Vale de Almeida e em seu cotidiano nos espaços de ensino? A partir desse, surgem outros questionamentos sobre a mesma problemática, expondo lacunas que precisam ser respondidas: Quando se ensina usando o cotidiano dos alunos e o mundo a sua volta como referência, a professora também estaria ensinando História? Foi a formação da professora que modificou suas práticas, dada a forma de ensinar e planejar suas aulas? Ou a forma como esse planejamento acontece é reflexo das diretrizes das disciplinas escolares?

Para responder essas questões, é necessário descobrir os elementos que constituem uma disciplina escolar. A partir das concepções de André Chervel (1990), é preciso encontrar conteúdos explícitos, exercícios, método e avaliação. Durante a análise dos cadernos para a escrita deste texto, foi possível verificar a existência de cada um desses itens, que podem ser vistos no exemplo anteriormente mostrado. Os conteúdos explícitos aparecem quando é posta a temática da aula no início de cada uma, e os exercícios se encontram nas propostas de cada lição. O método está presente quando é identificada uma forma de ensinar e uma estrutura que se repete seguindo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

procedimentos a cada aula. Por fim, a avaliação pode acontecer por meio contínuo quando a professora reconhece que seus alunos estão aprendendo e passa para a próxima lição com um novo conteúdo, quando volta e realiza revisões das atividades passadas ou quando corrige as lições durante os períodos de aulas. Ao perceber esses elementos, pode-se fazer o diálogo desta pesquisa com o campo das disciplinas escolares e ir em busca dos ensinamentos de História que surgem com as práticas registradas ao longo dos cadernos.

Nas páginas dos cadernos de planejamento da Professora Ana Afra, ainda aparecem frases motivadoras, recortes de jornais e revistas, além de serem recorrentes as aparições de pensamentos para o dia, trechos de orações e canções a serem lidas durante a aula. Essas páginas demonstram uma estrutura que se repete, revelando dedicação e cuidado através do uso de canetas coloridas e do zelo na letra e na forma como todos os materiais estão organizados. Tais aspectos demonstram possíveis características e valores presentes na sua forma de ensinar e viver. O fato de ter atuado como professora em diferentes circunstâncias é uma evidência de como existem vários ensinamentos em sua trajetória. Em uma dessas mensagens transcritas nos cadernos, ela escreve: “aprender para ensinar, conhecer para descobrir”. Busca-se, pois, esse caminho para a pesquisa, na tentativa de compreender a fim de publicizar o que estamos conhecendo a partir dos seus cadernos, possibilitando ensinar sobre os ensinamentos e redescobrir a escola e o cotidiano de uma professora que atuou em diferentes esferas no final do século XX.

A bibliografia mobilizada para esta pesquisa é organizada em três eixos: o primeiro envolve a historiografia das disciplinas escolares; o segundo, a história do ensino no Rio Grande do Norte; e o terceiro e último, os trabalhos relacionados à utilização dos cadernos escolares. Sobretudo, deve-se ressaltar a importância da comparação entre trabalhos de outros campos de saberes em relação ao estudo da história dos ensinamentos. A partir disso, podemos realizar pesquisas mais profícuas para que sirvam como defesa do que propõem.

A historiografia sobre as disciplinas escolares — tema contemplado no primeiro eixo do trabalho —, após a década de 1980, teve seus alicerces fincados em

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

uma História que enfatiza a legislação e as fontes produzidas pelo Estado como reflexos na escola, seguindo essas fontes sem modificá-las quando aplicadas em sala de aula. Além disso, esses caminhos não compreendem a pluralidade dos vestígios que a dinâmica da escola pode oferecer para a construção de uma historiografia que busque entender a escola a partir dos sujeitos que estão inseridos no ambiente escolar, como evidenciado nas produções de André Chervel (1990). Em um processo de pesquisa, existe uma gama de possibilidades que está no universo da escrita do historiador ao se colocar disponível para organizar elementos sobre o passado. Segundo Gaddis (2003), ao mapear o passado, o historiador está, também, definindo uma coordenada que torna acessível o passado, o presente e o futuro. Quando se escolhe mapear as práticas que envolvem a escola através somente de uma longa reconstrução dos contextos sendo norteados por leis e documentos oficiais, uma parte importante do passado é deixada inacessível para o presente e o futuro.

A escrita sobre a História da Educação no Rio Grande do Norte, tema que ocupa o segundo eixo desta pesquisa, está centrada nas produções contidas no Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Nas últimas três décadas, Marta Maria de Araújo, Maria Inês Sucupira, Olívia Moraes de Medeiros Neta e seus orientandos vêm construindo pesquisas nesta área. Na escrita de Cruz e Stamatto (2018), as autoras trabalham a forma como a disciplina de História se tornou colaboradora na formação do imaginário social republicano, a partir de livros didáticos e Diários de Classe utilizados no Grupo Escolar Barão de Mipibu - RN de 1909 a 1920, na tentativa de direcionar o olhar para o ensino de História e alinhar o trabalho às propostas de André Chervel abordadas anteriormente. Contudo, ao longo do texto, as autoras entram em conflito com essas propostas, pois se alongam na ideia de que é necessário realizar contextualizações detalhadas baseadas em diretrizes instituídas pelo Estado, deixando distante a disciplina escolar e o que acontece com o Ensino de História em último plano, sem evidenciar essas particularidades do ensino estudado e encontrado em seu local de pesquisa. Esse aspecto será levado em consideração nesta pesquisa para que não ocorra esse distanciamento da *disciplina escolar* (Chervel, 1990) e das particularidades que existem na História quando é trabalhado o chão das escolas e seus vestígios.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Ainda pensando nas produções no campo da História da Educação, podemos destacar a dissertação de Carlos (2018), na qual o autor trabalha com o ensino de 2º grau no Estado do Rio Grande do Norte e se propõe a estudar a história da implantação da Lei nº 5.692/1971 (1971-1996). Tal qual esse trabalho, outros como os de Araújo; Cunha; Alcantara (2017), Santos; Stamatto (2018) e Araújo (2009) são construídos na perspectiva da análise do que acontece na escola através de leis e decretos. A questão que é respondida com a conclusão dessas pesquisas, em geral, é a existência de variáveis que modificam a forma como a lei é implementada, inviabilizando uma homogeneidade. É justamente nesse ponto que se deve procurar escrever futuras pesquisas que passem a pensar como cada um dos contextos existentes se apropriam de forma singular dessas leis. Dessa forma, a melhor maneira de acessar essas formas de apropriação é através das estruturas sobreviventes produzidas pelos próprios sujeitos (GADDIS, 2003, p.56-57). Essas estruturas consistem em objetos da cultura escolar que são preservados e que contêm os registros necessários para explicar, para os historiadores, os processos que as produziram. É a partir delas, com o auxílio de conhecimentos prévios, que são escritos os textos historiográficos sobre a temática.

Ao falar dessas estruturas, abrem-se caminhos para as pesquisas que se referem à utilização dos cadernos escolares. Para Viñao (2008), existem alguns campos dentro da historiografia educativa que utilizam os cadernos escolares como fontes históricas. Um desses campos, por exemplo, procura os valores no meio escolar, permitindo que o caderno construa novos caminhos para uma aproximação entre a realidade e as práticas escolares. Outro deles, ainda segundo o autor, seria o da história das reformas educativas e das inovações educacionais. Um problema colocado em seu texto diz respeito aos processos de implementação e difusão de reformas e à distância existente entre as propostas teóricas, a legalidade e as práticas docentes e discentes que poderiam ser solucionadas com a utilização dos cadernos escolares como fontes (VIÑAO, 2008, p.17-18).

Os autores que compõem o estudo sobre cultura escolar fornecem pistas de como estão sendo construídas as narrativas a respeito das práticas que envolvem as escolas e ajudam na missão de compreender como esses espaços funcionam em determinada temporalidade. Desse modo, a motivação de usar os cadernos de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

planejamento como fonte neste trabalho aparece, em parte, nos textos que tratam desse tema. Em Mignof (2008), temos:

Estamos tão acostumados com os cadernos escolares que não damos conta de sua história, que se entrecruza com a história da educação passamos por eles despreocupadamente, sem enxergar que falam dos alunos, por professores, dos pais, dos projetos pedagógicos, das práticas avaliativas, dos valores [...] sua circulação e seus usos (MIGNOF, 2008, p.7).

O uso e a preservação desse tipo de material não é uma prática recorrente, pois guardar esses objetos que não terão mais serventia não é um hábito comum. No entanto, iniciativas como a do Núcleo de Documentação e Memória da Educação do RN/IFESP possibilitam que os materiais antes descartados passem a ser utilizados como fontes de pesquisa e para o ensino. Prova disso é a utilização, neste projeto, da coleção de cadernos de planejamento existentes sobre sua salvaguarda— fontes que, até então, eram mecanismos de organização do cotidiano de uma professora e que, agora, podem ajudar na escrita da história de como se ensinava História no Rio Grande do Norte.

Quando se encontra pessoas que guardam registros sobre a escola, logo se pensa: O que faz uma pessoa guardar seus materiais escolares? Bastos (2008) diz que, ao fazer esse questionamento durante sua pesquisa, ouviu que, dos cadernos encontrados, apenas os bonitos foram preservados, aqueles que geram orgulho, aflorando a memória dos tempos de escola. Contribuindo com essa afirmação, Viñao (2008) afirma que os cadernos geralmente conservados, como ressaltam vários pesquisadores, são os dos melhores alunos — os encadernados para serem expostos; dos alunos excepcionais; os passados a limpo e de melhor qualidade material —, mas quando se tratam de cadernos de professores e professoras, eles serviam apenas como prova de suas atividades escolares (VIÑAO, MIGNOT, 2008, p.24). Ainda tratando dos trabalhos que contemplam o uso de cadernos, Mignot (2006) aborda a materialidade em papel e tinta, que é produzida pela escola e enfrenta o tempo, possibilitando estabelecer um “lugar de memória”. Com isso em vista, ao longo do tempo, essas formas de registrar o acontecer do cotidiano da sala de aula sofreram mudanças, evidenciando que não somente os conteúdos, mas também a distribuição do tempo e as metodologias foram alterados (MIGNOT, 2006). Nesse sentido, Dominique Julia (2001) afirma que os elementos ordinários que surgem da cultura escolar são como uma “caixa preta” da escola, em busca da compreensão do que ocorre nesse

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

espaço em particular (JULIA, 2001, p.13). Em consonância com esse pensamento, Oliveira (2008), apesar de desenvolver sua pesquisa utilizando cadernos de alunos, segue a perspectiva de entender como os sujeitos utilizam estratégias diferentes para o uso dos cadernos, além disso, diz que os estudos que integram o cotidiano sobre a escola mostram o dinamismo e suas especificidades como contribuição para um entendimento ampliado das complexas relações entre permanências e inovação (OLIVEIRA, MIGNOT, 2008, p.139).

Em seu trabalho, Pares (2012) utiliza cadernos coletados no Rio Grande do Sul nos anos de 1943 a 2010. A fim de contribuir para a construção da história da alfabetização no estado, ela compara e problematiza o uso de cadernos escolares como objetos de pesquisa. A direção tomada pela autora — de compreender como o ensino da leitura e da escrita tem se efetivado ao longo das décadas nas salas de aula — fomenta o como se pode construir uma História dos Ensinos de História.

A maioria das pesquisas encontradas utiliza cadernos de alunos como objeto de pesquisa. Mas e os cadernos de planejamento de professores? O que eles poderiam revelar sobre os professores e sua atuação em salas de aula? Seria possível encontrar vestígios de sua formação e informações sobre os ensinos de história?

Nos cadernos de planejamento, encontram-se indícios da existência de práticas que, mesmo que de forma indireta e apesar de não terem o nome da disciplina como conhecemos, estariam presentes como habilidades que constituem a disciplina de História. Essas habilidades são, por exemplo, aprender a trabalhar com fontes, a narrar e a escrever narrativas, a entender como se situar no tempo e espaço. Elas, sem necessariamente serem a disciplina, constituem formas de aprender História. Retornando ao exemplo colocado no início do projeto, no texto “A Pescaria”, a professora escreve a partir da utilização de informações sobre tempo — ao dizer quando o aluno vai pescar — e sobre espaço — ao revelar o local da pescaria e onde os alunos moram. Além disso, para escrever um texto sobre o cotidiano dos seus alunos, é necessário conhecê-los e analisar quais elementos de suas vidas poderiam contribuir para a lição da semana.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Contudo, a bibliografia aqui apresentada não abarca a temporalidade desta pesquisa. Os vestígios do chão da sala de aula que são fontes deste trabalho ainda não foram trabalhados por outros autores devido à recente iniciativa de estruturação e organização do IFESP ao criar o Núcleo de Documentação e Memória da Educação para receber esses objetos da cultura escolar. Apesar de haver uma bibliografia consolidada em outras áreas de pesquisa que possui cadernos escolares como fontes, apenas agora pode-se realizar esse percurso fortalecendo a historiografia sobre a História do Ensino de História do Rio Grande do Norte através deste material.

Existem contribuições no âmbito da legislação, da arquitetura escolar, dos currículos trabalhados, mas, quando se trata dos ensinamentos presentes na história do Rio Grande do Norte, os trabalhos não abarcam essa especificidade, deixando em aberto muitas possibilidades de pesquisas a serem construídas e desenvolvidas futuramente.

Quando Ana Afra produz textos para suas aulas utilizando a história dos alunos — como faz em “A Pescaria” —, ela está mobilizando a forma de produção do conhecimento histórico. Ela precisa conhecer suas fontes, seus alunos, escolher quais elementos quer evidenciar, já que ninguém ensina o que não sabe. Com base nessa perspectiva, pode-se propor, segundo Joana Neves, que, na dimensão do processo histórico, sujeito é quem **faz** a história, ou seja, é quem realiza ações; e na dimensão da ciência histórica, sujeito é quem **produz** o conhecimento (NEVES, p.15, 1997).

Uma pergunta crucial a ser feita é sobre como a prática em sala de aula de quem faz e produz história funciona, como observar o efêmero e o ordinário para compreender a oralidade e a operatividade que alicerçam uma cultura ordinária comum, nos termos do trabalho que Certeau (1994) e seus colaboradores desenvolveram em paralelo para compreender as artes cotidianas do fazer escolar (ANDRADE et al p.3, 2019). Assim, ao entender que existe uma pluralidade de fontes que pertencem a cultura escolar e que elas podem contribuir para o ensino de história e para produção de conhecimento nesses espaços. Não podemos encará-los como um simples produto da sociedade, como um reflexo, o fato é que eles produzem e conduzem suas próprias demandas.

Certeau (1994) define que *lugar* é uma configuração instantânea de posições que implica uma ideia de estabilidade e que, para definir o *espaço*, é preciso entender

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

que ele depende de ações e do cruzamento de variáveis que se movimentam conforme o tempo, as circunstâncias e os conflitos ou as proximidades que passam a coexistir. Essas definições desenvolvem a ideia de um *espaço escolar*, pois a escola sempre está em movimento, seja pelas mudanças que ocorrem em sua estrutura e organização, seja pelos sujeitos que passam por ela ao longo do tempo e que, em circunstâncias diferentes, ocupam esse espaço. Em suma, Certeau aponta que *o espaço é um lugar praticado* (CERTEAU, p.184, 1994). Tal afirmação se utiliza da comparação com uma rua planejada e sua transformação em espaço quando o pedestre passa a utilizá-la. Portanto, compreende-se que, para o espaço escolar, a comparação funciona da mesma forma quando se considera que as práticas ocorridas em sala de aula ganham vida ao passar pelo tempo e pelas pessoas de forma ordinária, ocorrendo uma modificação do que estaria posto na legislação. Esses espaços produzem suas formas de *ensinos* de História ao produzirem o conhecimento a partir de suas práticas, cada um com suas particularidades, formando, então, vários ensinos.

Nessa lógica, os cadernos são produtos da cultura escolar que refletem a cultura própria do nível, da etapa ou do ciclo de ensino que é utilizado. Existem, ainda, classificações e subclassificações: (VIÑAO, 2008) fichários, cadernos individuais, cadernos de temporada e diários de classe, entre outros, e *os cadernos de planejamento* que fazem parte deste texto mostram que o tempo escolar (calendários, quadros de horários, programações) é um tempo social, uma construção cultural e acadêmica, mas, ao mesmo tempo, revelam a vida cotidiana (VIÑAO, MIGNOT, 2008 p.22).

Com base na ideia de cultura escolar como objeto histórico, conforme apresentado por Dominique Julia (2001), os cadernos de planejamento escolar são um dos instrumentos possíveis para construir análises históricas desta cultura e de seu funcionamento interno, emergindo evidências que o espaço escolar, não é somente um lugar de aprendizagem de saberes, mas é, ao mesmo tempo, um lugar de *hábitos* (JULIA, 2001 p. 22) e de ensinos. Diante disso, o autor ainda complementa, a partir das ideias de André Chervel, que as disciplinas escolares são inseparáveis das finalidades educativas, no sentido amplo do termo “escola”, e constituem um conjunto complexo que não se reduz os ensinos explícitos e programados (JULIA, 2001, p.33). Isso significa que os *ensinos escolares* põem em ação essas finalidades educativas

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

como um meio de chegar aos objetivos, logo, *Ensinar* é, etimologicamente, “fazer conhecer pelos sinais” (CHERVEL, 1990, p.192). O problema é se existem os sinais necessários para mapear o passado dos ensinamentos de História.

Desenvolver uma pesquisa sobre os ensinamentos de História presentes na década de 1990 através do uso de cadernos de planejamento é a chave para abrir a janela do tempo na tentativa de recuperar as práticas que envolvem esses sinais deixados pelos ensinamentos. Desta forma, deve-se compreender que, ao mobilizar essas práticas, não será elaborado um modelo geral para derramar, em um molde, esse conjunto das práticas, pelo contrário, buscar-se-á entender as especificidades dos esquemas operacionais e procurar se existem, entre eles, categorias comuns e se, com tais categorias, seria possível explicar o conjunto das práticas (CERTEAU, 1998, p. 20). Essa busca contribuirá para expor a pluralidade que existe nas práticas que envolvem os espaços de ensino que, como já posto, não estão resumidos aos moldes programados pelas legislações existentes, visto que cada um destes ambientes se comporta de formas diferentes, até porque os sujeitos que ocupam esses lugares não são os mesmos e isso modifica suas práticas. Andrade e Sales (2019), ao mobilizarem a ideia do ordinário desenvolvida por Certeau, contribuem para trabalhar a relação existente entre a escola e seus sujeitos:

A posição de ordinário, segundo a perspectiva trazida por Certeau, é o que nos possibilita realçar a dimensão inventiva da autonomia. Essa outra extremidade, da qual eles falam, leva em conta os sujeitos e as mediações construídas nesse lugar do encontro entre professores e estudantes, que os reporta às histórias de vida, aos laços profissionais locais e aos pactos com a gestão escolar. As referências táticas, por conseguinte, nos aproximam do cotidiano e das práticas comuns, que são o lugar do ordinário. (ANDRADE et al, 2019, p.163)

As disciplinas não comportam somente as práticas docentes da aula, o universo da sala e dos espaços escolares vão além dela. Os alunos e os lugares onde eles estão modificam a disciplina e a forma como ocorrem o planejamento e a organização das aulas. Mais precisamente, a partir disso seria possível escrever sobre os ensinamentos de história, pois os processos que surgem do passado geram estruturas sobreviventes (GADDIS, 2003, p.133), ligando o objeto de estudo a uma perspectiva singular. As disciplinas são esses modos de transmissão cultural que se dirigem aos alunos (CHERVEL, 1990, p.186), e a ligação entre a disciplina e o aluno é clara quando eles a modificam. Eles não pensam por pedaços as especificidades dos saberes que são

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ensinados, as ligações acontecem de modo orgânico. Quando as aulas planejadas nos cadernos da Professora são dispostas de forma a fazer uma comunicação entre as disciplinas escolares que fazem parte do currículo, a aprendizagem acontece como um todo, como um átomo que realiza ligações quase que instantaneamente.

O que se pauta é que a desconsideração da cultura docente pode afirmar um discurso que é desqualificador, por meio do qual os professores tornam-se objetos, simples replicadores. Essa denúncia acerca da colonização acadêmica sobre a escola, então, torna importante que as pesquisas contribuam para um processo permanente de solidariedade com a perspectiva política e epistemológica de “culturas docentes valorizadas e fortalecidas”, como salientam Selles e Andrade. Seguindo essa agenda posta pelos autores em relação à construção de modos de entendimento da docência que não sejam imposições ou modelos, consideramos que a autonomia docente é potencializada quando os professores são compreendidos como praticantes ordinários das artes de ensinar (ANDRADE et al, 2019, p.163)

Para ratificar o papel dos historiadores das disciplinas escolares é necessário desbravar os vestígios dos ensinamentos do passado e as finalidades que eram perseguidas ao longo do tempo, os quais se modificam quando entram em contato com as pessoas que praticam os ensinamentos em seus cotidianos. Os vestígios produzidos naquela época são reflexos de necessidades do seu tempo que apenas agora emergem ao estarem disponíveis para que o historiador realize as perguntas que respondam quais ensinamentos de História estavam presentes. Assim, é possível pensar que, em algum ponto na construção dessas aulas, as pequenas mudanças que podem ter ocorrido no início do processo geraram grandes consequências no final (GADDIS, 2003, p.138). Portanto, as perguntas e a importância dessa pesquisa passam por entender algo novo sobre o passado.

As propostas apresentadas por este texto buscam compreender os elementos que constituem os ensinamentos de História na primeira metade da década de 1990. Para torná-lo exequível, foram mobilizadas fontes que podem apontar os caminhos para o desenvolvimento da pesquisa. A metodologia que será desenvolvida é baseada na análise histórica da coleção de cadernos de planejamento da Professora Ana Afra Vale de Almeida, que atuou na rede básica de ensino na cidade do Natal-RN em diversas escolas da região, que registraram sua vida do final da década de 1980 até 1996. Os cadernos correspondem apenas a uma das coleções existentes no acervo e foram doados em 2019 por familiares. Todos estão sobre a salvaguarda do NMD - Núcleo de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Documentação e Memória da Educação do RN/IFESP e já passaram por tratamento e higienização para compor o acervo do NMD — 10 (dez) deles já passaram pelo processo de digitalização, enquanto os demais ainda não foram digitalizados.

Devido à pandemia de COVID-19 e a interrupção do processo de digitalização, foram analisados cadernos que pertencem aos anos de 1990 a 1995. São cadernos de capa dura, com cores sólidas ou com alguma ilustração, além de contarem com identificação e informações sobre sua utilidade. Toda a escrita do material é feita à mão com canetas esferográficas, hidrocores e colagens de papel com textos provavelmente retirados de revistas, calendários e jornais. A caligrafia mantém uma regularidade de forma e tamanho e a professora também estabelece um padrão na forma de organizar suas páginas: o planejamento das aulas é sempre composto por cabeçalho (data, local, disciplina), tema da aula, descrição de procedimentos e atividades. No final de cada caderno, aparecem nomes de outros professores e compromissos como reuniões, endereços e telefones de familiares e alunos que fazem parte do cotidiano e do espaço escolar.

As disciplinas lecionadas e que aparecem nesses cadernos são Português, Matemática, Artes, Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Ciências. Os textos utilizados para algumas atividades servem para mais de uma disciplina, mostrando uma multidisciplinaridade. Em alguns casos, aparecem referências a algum tipo de material de apoio do projeto, mas que não foi possível identificar com mais detalhes na análise exploratória realizada para a escrita desta pesquisa nem no contato anterior feito para atividades realizadas no Instituto Kennedy, em um curso sobre Acervos Escolares desenvolvido pelo NMD. Em algumas lições, também são escritas as habilidades que estão sendo desenvolvidas com os alunos.

Os textos usados como recurso didático sempre trazem novas palavras e alguma mensagem, de tal modo que palavras usadas em um texto pertencem ao vocabulário de toda a aula para que sejam trabalhadas. Os textos do início da aula, no geral, trazem informações sobre os espaços da cidade e situações presentes no cotidiano dos alunos. O que não foi notado, de início, é que alguns textos contavam a História dos próprios alunos, colocando-os como protagonistas das aulas. Essa prática pode revelar como o método Histórico pode ser apropriado no ensino-aprendizagem, ao aproximar os

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

alunos dos conteúdos essa prática transformaria o como se aprende nas aulas no início da década de 1990. Essa averiguação se tornou possível apenas quando foi identificada uma lista de datas de aniversário, pois os nomes dos alunos coincidiam com as histórias contadas nos textos. Outra evidência de tal prática foi que no final de um dos cadernos apareciam rascunhos das histórias em conjunto com algumas informações sobre o aluno, como no caso da atividade que aparece na delimitação do projeto. Essas ações podem levar à identificação de como os cadernos de planejamento possuem elementos e vestígios das estruturas dos ensinamentos em diferentes níveis.

Assim, a análise histórica desta pesquisa depende das *estruturas sobreviventes* (GADDIS, p.57, 2003) que se alinham aos questionamentos do presente para tomar forma e estabelecer as narrativas e registrá-las como parte de um processo histórico. Com isso, ao mobilizar os cadernos de planejamento, torna-se possível acessar essas estruturas para a construção e análise de quais ensinamentos de História surgem a partir dos cadernos. Alguns passos são necessários para a construção desta pesquisa; essa ação se inicia com a capacidade do pesquisador realizar a dedução. Para John Lewis Gaddis (2003), os processos metodológicos da pesquisa se organizam com a seguinte ordem: primeiro, deve-se examinar as fontes; segundo, perceber seu conteúdo; e por último, encontrar formas para representá-la. Contudo, além desses procedimentos, seria necessário fazer as adaptações para que cumpram com os objetivos da pesquisa.

Existem muitos questionamentos a serem respondidos e investigados através dessas fontes, que não puderam ser acessadas devido às circunstâncias nas quais o texto está sendo desenvolvido. É preciso, ainda, deixar registrado que os cadernos de Ana Afra Vale de Almeida são apenas uma parte do acervo do núcleo. Isso revela a emergência de escrever e construir as narrativas a respeito do ensino no Rio Grande do Norte nas proximidades da virada do século XX.

BIBLIOGRAFIA

ALBANO, Paula Lorena C; STAMATTO, M. I. S. -**Na Grande Pátria, Nossa Tão Amada, o Culto que lhe Devemos-:** o Ensino de História no Grupo Escolar Barão de Mipibu – RN (1909-1920). *CADERNOS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (ONLINE)*, v. 17, p. 515, 2018.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ANDRADE, Everardo P; ALMEIDA, Juliane R.; SILVA, Mariana Mizael. **Artes de ensinar, ofício de viver: das narrativas (auto)biográficas a uma história pública dos professores.** Revista História Hoje, v. 8, nº 15, p. 158-181, 2019.

ARAÚJO, M. M.; CUNHA, Raíra M.; ALCÂNTARA, Paulo B. **A educação escolar primária de mulheres e homens de cor negra (Rio Grande Do Norte, 1931-1948).** Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 13, n. 26, p. 281-298, set./dez. 2017.

ARAÚJO, M. M.. **A educação escolar da criança à época do governo Pedro Velho (Rio Grande do Norte, 1892-1896).** In: Almir de Carvalho Bueno. (Org.). Revisitando a história do Rio Grande do Norte. Natal: EDUFRN - Editora da UFRN, 2009, v., p. 111-126.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **Relíquias escolares, uma vida em cadernos: um campo de pesquisa.** In: **Tendências da Pesquisa (auto) bibliográfica.** MC Passegi (org.). Natal. EDUFRN- Editora da UFRN, 2008, v.3, p 179-208.

CARLOS, Nara Lidiana. **O Ensino de 2º Grau No Estado do Rio Grande do Norte: Uma História Da Implantação Da Lei Nº 5.692/1971 (1971-1996).** Orientador: Dra. Ilane Ferreira Cavalcante. Coorientadora: Dra. Olívia Moraes de Medeiros Neta. 2018, p.165. Dissertação -Programa de Pós-graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. As artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. [Introdução geral e Cap. III: Fazer com: usos e táticas, Cap. VII: Caminhadas pela cidade e Cap. IX: Relatos de espaço].

CHERVEL, André. **História das Disciplinas escolares:** reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria & Educação, nº2, 1990, p. 177- 229.

GADDIS, John Lewis. *Paisagens da História:* como os historiadores mapeiam o passado. Trad. Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Supps, Series, ,1995, p.353-382.

MC Passegi, EC Souza, PP Vicentini. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. Educação em Revista, 2011 - SciELO Brasil.

MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. Razões para guardar: a escrita ordinária em e arquivos de professores/as. **Revista Educação em Questão**, v. 25, n. 11, p. 40-61, 15 abr. 2006.

MIGNOT, A. C. V. Cadernos á Vista: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EduERJ, 2008.

NEVES, J. **História local e construção da identidade social.** Sæculum – Revista de História, n. 3, 10 dez. 1997.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

OLIVEIRA, Inês B. Aprendendo a usar cadernos: um caminho necessário para a inserção na cultura escolar In: MIGNOT, A. C. V. **Cadernos á Vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

PERES, E. Um estudo da história da alfabetização através de cadernos escolares (1943-2010). *Cadernos de História da Educação*, v. 11, n. 1, 7 jul. 2012.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. [Microanálise e construção do social].

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. [Introdução, Segunda parte: Água].

SANTOS, G. D.; STAMATTO, M. I. S. **O ato adicional de 1834 e a reorganização administrativa do ensino primário norte-riograndense**. *Research, Society and Development*, v. 7, p. 1-13, 2018.

VIÑAO, Antônio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos In: MIGNOT, A. C. V. **Cadernos á Vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

FONTES

NMD - Núcleo de Documentação e Memória da Educação do RN/IFESP. **Coleção Cadernos de Planejamento – Ana Afra**. Natal, 1990 – 1995.